

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

NUMERO AVULSO 60 REIS

SAE DOMINGOS E QUINTAS

ANNO I

REDACÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 12

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 10 DE FEVEREIRO DE 1887.

A cidade de Campos e o Thabor

Noticiando os luctuosos e sanguinários acontecimentos com que a barba dos cannavaes incendiados pelo halito fumegante de milhares de victimas, atrojando o espaço com gemidos e imprecações á misericórdia divina, para aplacar a selvageria com que a grande propriedade vai escrevendo os últimos títulos de sua nobreza, diz o Thabor, órgão clerical fanático em seu numero de 5:

«As paixões exaltadas e mal dirigidas na questão do abolicionismo no município de Campos, tem ultimamente alli produzido graves desordens; tem mesmo corrido sangue.

Quando as paixões chegam até o fanatismo, toldam um pouco a razão e irrompem em desatinos.

E' preciso que o governo empregue não só os meios phisicos, mas também os moraes, que são os mais aptos para acalmar estas paixões.»

Os assassinos de abolicionistas perpetrados no recinto de suas reuniões pacíficas, perturbadas e dissolvidas pelo traço dos fazendeiros deviam ter inspirado a lealdade do órgão escravocrata clerical á dizer de preferência, que as paixões exaltadas e mal dirigidas da questão do escravismo, que resume-se em dispensar um certo numero de homens dos trabalhos que com correm para crear para todos as creaturas, meios de subsistência, revoltando-se contra as escripturas onde o labor é ensinado como a lei da humanidade, tem excitado os desatinos do interesse ameaçado e da cobiça irritada, substituindo no coração do proprietario a caridade do christão pela ferocidade do paganismo.

Não podendo occultar porem o seu odio contra a liberdade, inimiga do obscurantismo theocratico, recommenda ao governo os recursos moraes, mas não deixou de em primeiro lugar, indicar os meios phisicos, aconselhando portanto a compressão e o massacre dos martyres de uma causa verdadeiramente divina.

Todas estas heresias sacerdotaes em que a supremacia da religião curva-se

aos interesses mundanos, representados nos mais fortes, são escriptas por padres em nome dos sacerdotes de Christo.

A escravidão imprime no proprietario, habitos de crueldade, e o sentimento de sua propria segurança ameaçada, pela consciencia que elle mesmo tem de que o escravo é o inimigo de todas as horas de seu proprio captivo, tem por principal preocupação tornar-se temido, inventando os meios de consequil-o, que se tornam sempre tyrannicos na razão directa do susto em que elle vive.

Preferindo, e pugnar pela sorte do escravo, levado ao delirio pelas delusões de suas esperanças, repousadas nos homens livres que elles vêm perseguidos, agravar a sua sorte, os padres do Thabor eximem-se de ensinar a cartilha christã ao proprietario do escravo, expondo-se aos martyrios do sacerdotio que vive da fé, lembrando a um governo contra cuja tyrannia em favor da escravidão até já se revoltaram os proprios militares, representantes da nação armada, a empregar os meios phisicos contra os abolicionistas.

Os sacerdotes que se magoam quando a critica exagerada proclama no ministro dos altares o symbolo da escravidão e da decrepitude religiosa do catholicismo, tem toda razão em seus resentimentos; mas padres, como os que redigem o Thabor, são na realidade clericos fanaticos, confundindo as idades dos povos, o seu progresso e a sua actualidade, e os maiores inimigos do sacerdotio catholico e das liberdades temporaes, pretendendo dar ao poder publico um auxilio que recebendo a sua recompensa em força concedida ao poder clerical, é o verdadeiro despotismo que teve sua época, mas que está repellido pela constituição contemporanea das sociedades civilizadas.

Ambicionando possuir o dominio temporal imiscuido com o espirital, confundem o ensino religioso a difusão das verdades catholicas, e em uma palavra a controversia tendente a supprir as escolas adversarias, invadindo a vida temporal da sociedade, chamando para o ministro do altar a odiozidade que recabe sobre o critico, mergulhado nos interesses mundanos, e

quando recebem o choque da itua apellam para o caracter sagrado, transformando-o em escudo que os preserve das reacções desafiadas!

A supremacia do sacerdotio, transfigura-se assim em instrumento de segurança pessoal nas mãos do personalismo clerical fanático.

A santidade da religião torna-se portanto duas vezes victima da perversão clerical.

Eis porque alistado nas fileiras dos despotas, encartados nos partidos politicos, votando-nos comicios eleitoraes, em nome dos erros, tricas e paixões humanas, e deliberando nas cadeiras do legislador, quando são verberados pelas medidas oppresoras de que armam o poder publico, concordando para a anarchia da lei, vestidos com os habitos taes do sacerdote, surgem os atradores clericos para clamarem: «não ha um só dia um que estes jornaes deixem de atacar a religião do Golgotha na pessoa de seus ministros.»

Eis pois mais ou menos tudo o que fazem os padres do Thabor, seus redactores diversos, que em vez de se importarem com as necessidades da religião e o esplendor do seu brilho e magestade, procuram dividir os homens, apanhando as intrigas politicas de partidos anarchizados e estragados pela escravidão, para apoiá-las com o intuito do clericalismo fanático, theocratico e dominador.

Eis a chufa com que os sacerdotes redactores do Thabor procuram magoar o senador Silveira Martins que nenhum mal lhes causou:

FOI-SE

«Foi-se o prestigio do sr. Silveira Martins no Rio-Grande do Sul, devido ao seu orgulho e aos seus não poucos erros.»

Passa depois o Thabor á transcrever uma noticia de um jornal monarchista de Pelotas.

Ora, não dirão os padres-mestres, que vêm erros por toda a parte, o que tem o Thabor com o prestigio politico do sr. Silveira Martins, que nenhuma questão mantem com o clero desta diocese?

Em que relação está elle com o protestantismo ousado, o positivismo cercado de adeptos e o espiritalismo até já com sua imprensa nesta capital?

grimas procedem, o coração, só verto saugne!

Pega n'um lapis, e escreve á pressa sobre uma folha de papel:

«O' senhora! minha querida senhora! não me julgue ingrata, porque o não mereço!... Ouvi tudo o que vós e o meu senhor disseram esta noite... Vou procurar salvar meu filho... não me que'raes mal por isso!... Possa o Ceo recompensar-vos da vossa bondade para comigo!»

Depois de fechar rapidamente este bilhete, e de lhe pôr a direcção, tirou da commoda alguns vestidos, que meteo n'um lenço, e atou-o á roda da cintura, não lhe esquecendo, mesmo n'esta momento de terrôr, um objecto do entretenimento de seu filho, um papagaiozinho de cartão, pintado de vivas cores: tal era a sua terna solicitude maternal!

Custou-lhe a acordar o dorminhocozinho, que por fim abriu os olhos, pondo-se logo á brincar com o seu papagaio, no em tanto que a afflicta mãe acaba os preparativos da fuga.

—Aonde vamos nós a estas horas, minha mãisinha? lhe perguntou o menino, quando ella veio para o vestir.

—Falla devagarinho, meu Henrique, que nos não ouçam! mas escuta: Olha! aquelle homem fido, que viste esta manhã como o senhor, quer roubar-te; para te levar a uma caverna muito escura e muito fria! mas a tua mãisinha não consintirá que te roubem, e é por isso que ella te veste, e vai pôr depois o seu chapéo e a sua capa para fugir comtigo muito longe, aonde o malvado não possa apanhar-te!—Apenas acabou estes preparativos, tomou o filhinho em seus braços, recomtando-lhe outra vez o silencio, e sa-

Apoiado e favorecido pelo illustrado e zeloso clero parochial desta diocese, como o annunciou em seu n. de 1.º de Janeiro, continuará o órgão do clero paulistano, salvás as excepções conhecidas que se distinguem por doutrinas contrarias, a pugnar pelo poderio do clericalismo fanático, pregando a tutela das liberdades publicas, pelo regimen dos governos extra-legaes, de preferencia á definindo e propagando a caridade evangelica que não transige com o interesse, acordar pelo influxo da doutrina os corações adormecidos do escravocrata, condemnando a violencia, parta ella do governo ou do povo, do escravo como do senhor, em nome da justiça christã que só legitima e apoia a paz e a fraternidade humana.

Mas os padres clericos não são os sacerdotes da concordia e harmonia christã, são ambiciosos lutadores humanos, pugnando pela restauração do poder theocratico, fanático e inquisitorial.

Combatemos, portanto, legitimamente, um inimigo descoberto das liberdades temporaes da sociedade secular e teremos, em nome da fé christã, se não os applausos pelo menos, a muda reserva dos sacerdotes que não querem, em vantagem do personalismo clerical, transformar a almofada da Cadeira Pontifical, em tecido de espinhos que sangrem em duro martyrio as sagradas virtudes episcopaes.

O Thabor o cambio e o milho

E' mania antiga do Thabor trazer sem-

Do cambio, já sabemos que é o grande negocio dos padres estrangeiros de remetterem o producto das missas e outros negocios ecclesiasticos, e do mercado é porque o Thabor interessa-se em saber o preço em que anda o milho e fubá.

Infelizmente para o Thabor o milho está subindo...

De 2\$700 da pauta apresentada pelo Thabor já está em 3\$000.

E' verdade que já estamos na quaresma, e a razão é menor.

Fubá, alminhas satas, não veio na pauta do Thabor, e bem assim a alfafa, que, para engordar, é de su prior qualidade.

Sentimos muito que o illustre jornalista ache falta n'estes generos de primeiras necessidades.

Mude de terra, amigo.

hio, com toda a precaução, pela porta da varanda.

A noite estava estrelada, mas fria; e a pobre mãe procurava cobrir bem o menino, que, tremendo, mais de medo que de frio, lhe enlaçava o pescçoço com seus braços.

Ao aproximarem-se da porta principal da chacra, o velho Bruno, um cão da Terra-Nova, seu fiel guarda, começou a rosnar; porem Eliza, fallando-lhe devagarinho, e acariciando-o, o bom animal, que a conhecia desde a infancia, poz-se logo a lambê-lhe as mãos, e a segui-la, sacudindo a cauda de contente. Todavia, como cão honrado, não deixava de lhe causar admiração esta escapada nocturna, olhando de vez em quando para Eliza como para a interrogar; mas vendo-a continuar o seu caminho sem fazer attenção a elle, seguiu-a silenciosamente, sem mais parecer indiscreto. Em breve chegaram á cabana do pae Thomaz, a cuja janella Eliza bateu levemente.

A reunião de que fallamos no capitulo antecedente tinha durado até tarde; por isso o pae Thomaz, e a sua digna metade estavam ainda levantados, commemorando talvez alguns dos objectos que ali se haviam tratado.

—Meu Deus! parece-me que batem á janella! exclamou mãe Chloé, correndo a ver o que era. Misericórdia! não me enganou! E' Liza! Enfia depressa a tua jaqueta, meu velho, avia-te! E o velho Bruno tambem que está a uivar!... Meu Deus! que quererá dizer tudo isto? Eu vou abrir a porta...

A luz da candeia que Thomaz acabava de acender cahiu então sobre o abatido

Anachronismo inconcebivel

No seculo das luzes, em pleno seculo da illustração; quando a instrução do povo tem encaminhado o espirito para o cophecimento da moral religiosa; quando o espirito da civilisação tem aberto os horizontes dos conhecimentos humanos; quando os verdadeiros principios da moral christã têm aberto os olhos da ignorancia; e a nação brasileira retrogradando dos principios das nações cultas ainda conserva em seu seio, como escarneo, a negra instituição da nojeita abjecta escravidão.

Em que lei se estribam os escravagistas para a anachronica escravidão? Na lei do forte sobre o fraco e nada mais.

Não ha lei divina ou humana que sustente este principio da moral e do direito.

Si houve tolerancias, pelas circumstancias especiaes do tempo, essas tolerancias não têm mais razão de ser na actualidade.

Hoje, só o capricho dos mandões os podem sustentar contra a manifestação unanime de uma nação inteira.

Eu quizera que a lei de Talião se pusesse em execução—dente por dente, olho por olho—Como não berrariam os escravagistas contra a justiça dessa lei.

Experimentai, senhores escravocratas; mandai torturar vossos filhos, como instrumento dos flagícios por vós uzadas. Applacai-lhes o tronco e o bacalháu, e retirai-vos tranqullo ao yoz-

phant volupia da vossa obra caridosa.

Que pagina negra, Deus dos Ceos! Que pagina repugnante a da historia da nação, quando os vossos vindouros consultando-a depararem com os factos horripilantes, que se deram e ainda hoje se dão em relação a escravidão!

Vergonha immensa, que os nossos vindouros carregarão, transmittida de geração em geração até que a consummação dos seculos extinga a negra nodoa que desdoura esta nação aliás fadada para as glórias do mundo civilizado.

E dizer-se que a escravidão é necessaria—em uma nação cheia de estímulos e sentimentos da liberdade!

Utopia inqualificavel, que só cabe na

rosto, sobre o olhar triste e esgarrado da fugitiva.

—Meu Deus! fazes-me medo, Liza! Estás acaso doente? que é que te aconteceu?...

—Vou fugir, meus amigos, para salvar meu filho, que nosso amo vendeu!

—Vendido teu filho! exclamaram Thomaz e Chloé, levantando as mãos ao céu, horrorizados!

—Vendido, sim! repetiu Eliza, com voz firme. Esta, noite, escondida no gabinete junto do seu quarto de cama, lhe ouvi dizer á senhora que tinha vendido meu filho, bem como a vós, pae Thomaz, a um traficante de escravos, que deve vir esta manhã buscar a sua mercadoria, no emtanto que elle se ausentará para não presenciar a scena!...

Durante esta declaração de Eliza, pae Thomaz tinha ficado com as mãos levantadas ao céu, e os olhos em alvo. Ao principio pareceu-lhe ser um sonho; mas quando se capacitou da realidade, assentou-se, ou para melhor dizer, cahiu sobre a cadeira, inclinando a cabeça sobre os joelhos.

—Que o nosso bom Salvador tenha piedade de nós! exclamou mãe Chloé. Mas não, não é possível! Que fez elle para que o senhor queira vendê-lo!

—Não fez nada; o senhor desejará poder guardá-lo, e a senhora pediu, e insistiu por isso; mas elle disse-lhe que era impossivel: que estava nas mãos desse homem, desse traficante, e que se elle vot não vendia, pae Thomaz, seria obrigado a vender tudo. A senhora, pobre anjo! não fez senão chorar, lamentando esta desgraça.

(Continua)

FOLHETIM

(12)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO QUINTO

Aonde se vê o que experimentará uma propriedade viva, quando ella passa a outras mãos.

—Não! não! exclamou mrs. Shelby, não quero que me julguem cúmplice de um tal attentado! Deus me dará forças para partilhar a dor das victimas, ja que não posso evitar-lh'a!... Ah! que fizemos nós, para merecermos uma semelhante calamidade?

Mr. e mrs. Shelby estavam longe de pensar que outros ouvidos escutavam attentamente a sua conversa.

Quando Eliza viu que sua senhora a mandava deitar antes de haver acabado o seu serviço, e que ella entrava no quarto de seu marido, sua imaginação exaltada lhe suggerio a idéa de se esconder n'um gabinete contiguo, afim de conhecer se tratavao do objecto dos seus receios.

Com effeito, pregando o ouvido a uma fenda da porta, não lhe escapou uma só pa avra; e quando o silencio succedeo ás tristes confidencias dos dois esposos, sahio, pé ante pé do seu escondrilho, trémula, os dentes cerrados, com uma expressão de desespero. Ninguém diria, por certo, ser essa a doce e tímida Eliza! Percorreu silenciosamente o longo corre-

mente dos retrogradados e... dos Pesadelos da nação.

Venha a abolição!
Queremos a abolição como a parte integrante da liberdade, e a fonte fecunda da felicidade da nação.

Queremos a liberdade sem os vícios do feudalismo.

Queremos a liberdade sã e pura como a entendem as nações que nos rervem de modelo.

Queremos a liberdade; porque onde ella não impera não podem medrar os sentimentos da humanidade, da caridade e da philantropia.

Bem sabemos, que com o correr dos longos annos, com a instrução do povo; com a indole dos brazileiros que em muito perderam a dos seus maiores, a escravidão melhorou em parte quanto ao tratamento dos seus senhores; e proprietarios ha, que tratam bem os seus escravizados.

Mas isto é uma pequena excepção da regra.

O homem de má indole, que herdou de seus máos pais a perversidade e as máos paixões; que não recebeu em tempo a educação precisa porque entendiam desnecessaria; esse, conserva do mesmo modo que aquelles os ferozes instinctos de perversidade e encaram do mesmo modo a questão social da escravidão, para só julgar-a questão liquidada de proriedade legitima!

Não basta porem que a condição escrava tenha melhorado.

Existe a instrução e é isto o que queremos extinguir de vez.

E havemos de extingui-la—porque ja agora a onda que se levanta e caminha, só irá dormir tranquilla quando houver feito seu curso, lançando na praia da esperança os destroços da santa cruzada!

Havemos de extingui-la—porque temos pela nossa causa um mundo inteiro de justiça.

Havemos de extingui-la,—porque esta é a vontade da nação, e a nação é soberana.

Havemos de extingui-la,—porque como a—*Procellaria*—precisamos da abolição já, não nos importando o modo de possuil-a.

Havemos, finalmente, de extingui-la,—porque em nosso intuito só impera a razão, a moral, o direito, a humanidade, a justiça e sobre tudo... o amor

geral, porque o seu fim era supprimir um deficit causado pelo desgoverno do paiz e pelas patotas e arranjos politicos.

Agora, entretanto, ella devia ser aventada e adoptada pelo parlamento, para se applicar o producto á libertação dos escravos.

Estamos certos que os proprios contribuintes, generosos como sóem ser os brazileiros, pagariam de bom grado o imposto, por causa do fim nobre, justo e humanitario de sua applicação.

Demais, se similhante imposto augmentasse o numero dos casamentos, mais uma razão para a sua adopção, porque o Brasil é immenso e a sua população é escassissima.

Num paiz como o Brasil o homem casado e com filhos, sendo trabalhador, presta muito mais serviços á patria do que o solteiro, trabalhador tambem.

Portanto, para contrabalançar essa desigualdade, deve o parlamento, na proxima sessão, crear o imposto sobre os solteiros e applical-o ao fundo de emancipação.

O sr. Campos Salles

Acaba o sr. dr. Campos Salles de mostrar para quanto valem os republicanos que querem mudar a forma do governo que nos rege, dando-nos um bom numero de liberdades que não possuímos.

Para nós, porém, que somos livres, é que sr. dr. Campos Salles quer fazer isso; para os escravos, uma liberdade truncada, a que o Zé Povinho chama—*pé-pé*.

Pois é o que acaba de fazer o sr. dr. Campos Salles.

Reuniu todos os seus escravos em numero de 25, deu-lhes a liberdade para festejar o anniversario de sua exma. senhora, mas deixou-lhe captivos por 4 annos.

São sujeitos que querem dizer—amor, mas não lhe chegam os beijos.

Assim mesmo—justiça se faça, o sr. dr. Campos Salles, que apezar de ter o nariz pequeno, fez mais do que os republicanos de grandes narizes que não querem dar liberdades a seus escravos para não desgraçar suas familias.

E querem, ser chefes de republicanos!

Ora bolas!...
A *Redempção* envia ao sr. dr. Campos

tarde declarou o sr. Sinimbu—fez guerra tremenda ao ministerio da lidade que tomava o caminho ao partido adiantado, realisando uma reforma que competia á este partido. Com quanto o que acabamos de escrever nada tem com o ponto que pretendemos discutir, serve entretanto para esclarecer a attitude dos liberaes antes de desfaldarem no poder a bandeira liberal.

O partido conservador tombou ao poder em 1878. O liberal todo pressuroso trepou-se-lhe, sorrindo alegremente ao descobrir o futuro de paz e conforto que lhe estava preparando o nosso velho imperante. O Sinimbu presidiu o conselho de lacaios republicaes, na phrase de um celebre publicano desertor, que a astucia bragantina mais tarde converteu em laçao e feroz monarchista no parlamento, para dar cumprimento as reformas capitales do partido, o presidente do conselho teve a franquesa de declarar que o partido liberal tinha subido não pelo prestigio de suas idéas, mas pela condescendencia e vontade da corôa, e que por isso era preciso condescender tambem com a corôa. Depois deste ministerio-modelo, mais um punhado de parasitas occupou o poder, sem fazer nada, absolutamente nada, pelo paiz, sem sequer cogitar da questão principal—o abolicionismo. Tambem que esperar de saltimbancos de circo, senão submissão ao mestre de circo, ao Imperial saltimbanco? Depois de uma grossa bandalheira de mudanças de ministerios, e de patacoadas governamentais proprias para illudir o povo, o partido liberal pareceu querer tratar seriamente da causa que mais affecta o progresso e a liberdade ao paiz—a causa da abolição. O sol da redempção brilhou fulgurosamente no cimo do poder, mas cedo obscureceu o clarão da liberdade, a eterna noute da escravidão.

Parecia que o partido liberal envergonhado de mentir tantas vezes e tão descaradamente á nação, ia emfim cumprir a principal idéa do seu pomposissimo programma. E todos acreditavam, porque o senador Dantas organisando o ministerio, declarou resoluta e francamente ao Imperador escravocrata quaes os seus intuitos ao empunhar as rédeas do governo.

tunio partia dos labios da donzella que perdeu a virgindade nos braços do Senhor?.....

O conselho Dantas antes a traição dos seus correligionarios e a opposição dos conservadores, depoz nas mãos do Imperador a demissão collectiva do gabinete.

O imperial mestre de circo—que tão abolicionista se havia mostrado á nação, em vez de proteger o ministro das aspirações nacionaes, dissolvendo a Camara, accitou a demissão do gabinete. O imperial abolicionista, chamou ao poder o conselho José Antonio Saraiva, fazendeiro possuidor de escravos (1) e encarregou-o de organizar ministerio e fazendo a lei sobre o elemento escravo, de forma a não prejudicar os interesses da lavoura.

E se Pedro II bom disse, Saraiva melhor o fez.

E o governo dos escravos de sessenta annos—na phrase enérgica de Nabuco—logo que o projecto passou na Camara Temporaria retirou-se ruscamente do poder.

E o Imperador para complemento de sua obra—ordenou ao barão de Cotegipe, que o processo passasse no Senado e logo fosse convertido em lei, sob a firma social Pedro II, Saraiva e Cotegipe, e conhecida a celeberrima lei.

Explica-se perfeitamente o Saraiva e o Cotegipe entenderem-se. O ministro contrabandista, em pleno parlamento que não se responsabilisa pelos seus actos depois do jantar, e o ex-ministro—lavrador que depois que transpoz os humbraes da academia não leu mais um livro. Perfeitamente combinados para puxarem..... o coche imperial...

Apeado do poder com todos os negros da arte, o partido liberal, sentio referver-lhe nas veias um entusiasmo illimitado.

Fizeram-se reuniões em hotéis, em heatos, e o liberalismo hypocrita de Nabuco e José Mariano, obrigou-os a dizerem ao Imperador o que ainda nenhum republicano se lembrou de dizer.

Quando os gatunos governamentais, passaram á unha descaradamente no diploma de José Mariano, o que este cidadão disse do Imperador, ex-

Se esses escriptores e jornalistas não dispõem de dinheiro, e pretendem enriquecer á custa do bom pé do povo, afastem do caminho e se façam engraxadores ou carregadores, mas não profanem o templo sagrado.

E' bom que o *Apostolo* ponha sempre de quarentena tudo quanto escreve esta jornal que de catholico só tem o titulo.

Já explicamos aos homens sensatos, pois que nos mais não temos de dar satisfações, que o edificio onde funcionam as officinas dos srs. Diniz & Sol não dependia da igreja dos Remedios, quanto mais sachristia.

O revedm. ganhão foi mal informado quando escreveu tal arigo.

Os escravizados de Monsenhor Gonçalves de Andrade

Chamamos a attenção do exm. sr. dr. Juiz de Direito da primeira Vara Civil para o seguinte topico da *Revista da Imprensa*, elaborada pelo *Paiz* de sete:

O que ahi se narra desperta vivo interesse pela sorte destes libertos, completamente desprotegidos e abandonados.

Eis aqui o escripto:
Gazeta de Noticias—Voltando a tratar do escravismo de dous cidadãos, homens de côr, por um fazendeiro do termo de Montes Claros, denuncia em todos os seus porrões o revoltante crime ás justicas do paiz. Os dous infelizes, que exerciam a profissão de tropeiro, foram agarrados pelo tal fazendeiro por suspeitos de serem escravos fugidos e (tão somenos é a liberdade individual para potentados) levados á fazenda.

Obrigados a trabalhar sob o azorrague para enriquecer o seu raptor, serviciados, mettidos no tronco, um morreu nesses supplicios, e outro, após tentativas de fuga reprimidas com crudelissimos flagícios, conseguiu achar quem o soccorresse e obtivesse a favor sentença de manutenção para «provar o seu estado livre». Assim o deve ser porque em pleno senado já se disse que todo o homem de côr deve provar a sua condição de livre, porque a presumpção legal é de ser escravo.

O crime de Montes Claros ficará entretanto impune, tão vinculado se acha aos interesses da escravidão.

Ora, sabido que os escravizados da fazenda de Montes Claros, que foi do Bispo D. Manoel Joaquim de Andrade e do arceidiogo Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, foram confiados á protecção e guarda de um deposito judicial, para que conforme o direito, pudessem litigiar, em prol de sua liberdade a salvo de perseguições.

A causa foi decidida em segunda instancia, ficando os autos no cartorio do escriptivo a quem foram distribuidos.

Ha, portanto, uma sentença que passou em julgado, declarando livre esse consideravel numero de homens e mulheres.

Entretanto ainda não lhes foram entregues as suas cartas de liberdade.

Ou as cartas de liberdade são necessarias, ou o não são.

Na segunda hypothese, para que esse apparato nas libertações pelo fundo de emancipação, em que os libertados comparecem á audiencia para receber-as?

Se a lei quer, que, quem é declarado livre receba os titulos comprobatorios de sua liberdade, porque em caso de duvida sobre identidade de pessoa, sem elle não pôde requerer mandado de manutenção, é evidente que esses libertos se acham completamente destituídos de garantias probatorias de sua liberdade, ficando sujeitos a serem escravizados, do mesmo modo porque o foram aquelles que relata a *Gazeta de Noticias*.

Se em relação aos proprios sexagenarios, que ainda ficam em poder de seus senhores trabalhando, o governo nos ultimos avisos, tem determinado que sejam trazidos á presença dos Juizes, para serem declarados livres, incontestavel é a argumentação a que recorremos.

Ha na execução dessa sentença um interesse geral, que autorisa o procedimento ex officio, não só pela natureza da causa, como pela condição de miserabilidade dos libertos, que, durante o pleito, trabalharão como escravos, apañando *bacalhau* e não receberão salarios.

Acreditamos que s. exc. conseguirá do sr. Conselheiro presidente do Tribunal da Relação providencias para

AGNUS.

O abolicionismo e os tres partidos

II

PARTIDO LIBERAL

Nas considerações que fizemos sobre o partido conservador em face do abolicionismo e nós, que vamos fazer sobre os outros dous partidos militantes, *A Redempção* não tem solidariedade alguma. São sómente de nossa responsabilidade as opiniões manifestadas.

Descrever a attitude do partido liberal em frente a questão abolicionista é nosso intento, contando-se porém desde a occasião em que no poder desenrolou a bandeira da abolição.

Não podemos apreciar os actos do partido liberal em relação ao elemento escravo desde a epocha mais remota, porque esse partido tem sido de uma confusão tão extraordinaria, a sua vida tem sido tão complicada, cheia de situações tão imprevisas e extravagantes, mais se assemelhando ás mutuações de uma opera comica, que não está ao alcance do fraco rabisador destas linhas descrevel-a.

Em 1871, quando Rio Branco tractava da reforma do trabalho escravo—reforma essa exigida pelo paiz—os liberaes fizeram-lhe uma opposição tenaz, prejudicando os interesses do povo, de quem pretendiam ser partido, e ao mesmo tempo repudiando completamente o seu programma; porque o partido liberal fazendo opposição á liberdade ao escravo, repudiava da maneira a mais formal todas as idéas liberaes.

No entanto salta aos olhos de todos, que o partido liberal, na opposição ao ministerio abolicionista de Silva Paranhos fez—como os conservadores fizeram ao ministerio Dantas—questão de partido e não de principios politicos. O partido liberal não podia ver sem inveja, o partido retrógado ganhar conceito no animo da nação, e impotente para conquistar o poder, pelo prestigio de suas idéas—como mais

se ao lado do benemerito estadista, parecendo protegido das garras aduncas dos escravagistas ferozes.

E o senador Dantas, acreditou em D. Pedro de Bragança...

Convocadas as Camaras extraordinariamente, o presidente do Conselho apresentou o seu programma; a opposição feroz, medonha, encarniçada, não se fez esperar; mas não opposição de principios, de idéas ou amor da patria, mas sim uma opposição baixa de partido, de interesse individual, ali, combatiam o projecto que affectava fazendeiro, o cliente que mandou deputados á Camara.

O partido conservador, tinha á sua frente o sr. Andrade Figueira, escravocrata da gemma, e fazia a opposição com todas as armas, quando um apoio seguro offereceu-se ao sr. Andrade Figueira.

Das proprias fileiras liberaes surgiu, encarnada no conselheiro Moreirinha de Barros, a imagem viva do interesse, da ambição, da inveja, da perversidade, emfim de tudo quanto é lodo, de quanto asqueroso possa cacerri dentro em si um ente humano.

Alli é que o genio do mal inspirou a Moreira de Barros ennegrecendo-lhe de vez a consciencia o mais torpe dos crimes—a traição.

Ahi é que Moreira de Barros, esquecendo tudo, patria, idéas, partidos, amigos, servio ao partido conservador na nefanda tarefa de impedir a libertação de nossos proprios irmãos, depondo a patria no altar do interesse e da ambição.

Os desgraçados escravocratas, quando á noute, vão procurar no conforto do somno, o descanso para o corpo, poderão suavemente cerrar os palpebras, sem que hedonhas vizes os vão perturbar, sem que o remorso mordalhes a negra consciencia? O seu somno não será povoado de sonhos em que milhões, desgraçadas mulheres, conchegando ao seio o filhinho amado passarão e repassarão a seus olhos, implorando piedade, em que desgraçados homens passam acorrentados, arrastando pesados grilhões, os corpos nus e chagados, em que a canção do infor-

Quintino Bocayuva, disse que tendo perdido completamente a fé na monarchia, não tinha ainda fé completa na republica, interrogado publicamente por um cidadão, se continuava nos arcaes da monarchia, declarou que continuava, pois que á sombra desse governo podiam-se realisar todas as reformas liberaes de que necessita o paiz.

Quem collocou partido e interesse, pelo poder de lado para occupar-se unicamente com a liberdade dos escravos—foi José Bonifacio.

Nós que vemos, como José Bonifacio que conservadores, liberaes e republicanos, agrupem-se em torno de uma só bandeira da redempção dos captivos—deixando de lado o partidarismo que é morte dos principios, para occuparem-se a soltar os grilhões que prendem a liberdade dos nossos desgraçados compatriotas.

(1) Actualmente não tem escravos, porque libertou-os depois da lei que deu-lhe tão triste celebridade.

Santos, 5 de Fevereiro de 1887.

A. ALVES.

Igreja convertida em typographia

Com esta epigrapha o *Apostolo* escreve o seguinte, extrahido da *martinhada* que com o nome de *Thabor* publica um padre bandalho desta capital:

«Com esta epigrapha escreve o *Thabor* de S. Paulo, um sensato artigo censurando o abuso de se estabelecerem na igreja dos Remedios as duas impias e clerophobas folhas: *Intransigente* e *Redempção*. Com effeito, não comprehendemos que uma igreja sirva de senario ou campo de batalha, sendo profanada para dali partirem as mais envenenadas setas contra a religião e contra o clero...

Mas antes de todos merece censura a irmandade que, esquecendo suas obrigações e compromisso, consente que o templo sagrado transforme-se em asylo de inimigos. Esse acto, além de abusivo, é sacrilego e cumpre que a irmandade ou sua maioria, imitando Jesus, expilla de sua igreja a azorrague os profanadores da casa de Deus.

que seja expedido mandado, ou carta de sentença, tendo-se em vistas as excepções a favor da liberdade, de modo que se realice a efficacia da protecção que o deposito pessoal dos litigantes tende a favorecer.

Não é só dos interesses da escravidão que se deve cuidar, mas sobretudo dos da liberdade e rigorosa execução da lei.

Em todo o caso, levamos tambem desde já o facto ao conhecimento da Confederação Abolicionista da Corte, para que, perante o exm. sr. Ministro da Justiça, promova as providencias necessarias, e, se não forem dadas, temos certeza de que a questão será de novo agitada no Senado.

Jundiáhy

Por causa de libertação ainda jaz no hospício de Pedro II, na Corte, uma respeitavel senhora e rica; esta nunca se casara deixando assim de ter filhos herdeiros; entendendo ella que o unico meio de gozar os restos de seus dias seria fazendo bem, dando esmolas aos pobres, e libertando todos os seus escravos; é por isso que esta senhora foi traçoicamente levada á estação, e lá bruscamente mettida no wagon! fazendo-a seguir para a Corte como louca! E quem foram os traidores?

Breve publicaremos os seus nomes.

Escravidão

Parece que não ha uniformidade na forma de pensar dos que nos governam; na Bahia o exm. presidente da provincia manda que o promotor publico não consinta na cadeia sob quaesquer titulos escravos a não serem esses criminosos; nesta provincia o sr. de Parnahyba mandou esconder na Estação Central escravos que ainda se acham detidos no calabouço, para S. Magestade não ver. Que diabo de governo é este?

Isto explica-se da seguinte fórma:—só podem ser presidentes e vice-presidentes desta provincia os parentes dos drs. Prado, e como todos os seus parentes são escravocratas têm-se de soffrer essa gente até que o sr. Prado apele do governo.

Sobre essa portaria do presidente da provincia da Bahia, o seguinte: Com o Sr. de Alcobaça recolhido á cadeia, encontramos agora na folha official do governo da provincia, o seguinte officio da presidencia, dirigido ao respectivo promotor do logar.

O documento que vamos transcrever é sobretudo honroso para o cavalheiro que administra a provincia da Bahia.

«Ao dr. promotor publico da comarca de Alcobaca—Accusando o recebimento do telegramma de v. m. de 3 do corrente, tendo a dizer que approvo o seu procedimento em requerer a soltura do escravo Valentim; e o corpo de delicto das offensas physicas resultantes de servicias no mesmo, e feitas na cadeia dessa villa, onde estava preso por ordem do delegado de policia, e a requerimento do respectivo senhor.

«Aguardando que me participe o resultado do inquerito para o fim de reconhecer se foi immoderado o castigo, recomendo-lhe que por occasião das visitas que lhe cumpre fazer á cadeia promova o que for de lei, e em ordem a que somente estejam nella recolhidos os criminosos, não o podendo estar para a correção ou soffrer castigo escravos a requerimento de seus senhores.»

Para os mulatos e negros lereim

Devem estar contentes o cabra negro Barão de Cotegype e o enxovalhado estadista Saraiva, porque a porcaria a que deram o nome de lei do elemento servil está produzindo os seus effeitos.

Em Campos já os abolicionistas não têm segurança individual.

Que espetaculo agradavel para os escravocratas, acostumados a matar escravos, poderem com o patrocínio de um governo dirigido por um mulato, inimigo de de sua raça, assassinar os abolicionistas.

Vejam os mulatos e negros, que aqui votam nos inimigos de sua raça o que escreve a Gazeta da Tarde sob o titulo Semana Politica.

«Começou a orgia de sangue e de sanie que o Sr. Barão de Cotegype havia prometido aos seus cúmplices do governo, para a pirataria e pela pirataria.

Já não ha mais garantias para quem não se ajoelha perante o chaveco do trafico, encaalhado sobre o Ararat da corrupção e convertido pelo governo do imperador em arca santa dos direitos da escravidão.

A cidade de Campos foi convertida em matadouro de abolicionistas.

A policia, connivente com os assassinos esconde-se, até que estes tenham consummado os seus crimes, e em seguida apparece para denunciar a magistratura as victimas como algozes.

A magistratura, por sua vez, denuncia ao governo esses imaginarios autores de attentados, louvando a solicitude e o zelo com que a policia os entrega á sanha do escravagismo assassino.

O presidente do conselho havia dicto: na guerra, como na guerra e cumpre, pela primeira vez na sua vida, a palavra dada.

Nesta guerra, porem, as forças são desiguas. De um lado estão os abolicionistas, que não têm como alma senão a sua fé na santa causa que defendem e pela qual estão promptos a dar a vida; uma raça acobardada por longos seculos de soffrimento; o terror do povo acostumado a ver subira ao cadafalço, ou espingardeado na praça publica, o direito ficando o despotismo jubiloso a trepudiar impune sobre o seu cadaver.

De outro lado está o governo armado com a venalidade da maior parte, com o desespero da cobicia dos señores de escravizados, com a falta de escrupulo de quem se hypothecou ao interesse de uma instituição, que é a nossa vergonha perante o mundo.

Governo da escravidão, o ministerio é a encarnação da barbaria; não trepida em assalariar delatores, como não hesita em proteger assassinos.

As scenas selvagens em Campos não são senão o primeiro ensaio da tragedia, que vai ser representada em todo o paiz.

Aos assassinos de Luiz Fernandes e do immortal Adolpho Porto seguir-se-ha o de Carlos de Lacerda e ao deste e de todos os abolicionistas cuja palavra o governo sabe que nãoemudecerá senão pela morte.

Um cadaver de mais, ou de menos, não faz mover a balança de consciencias, que servem-se de tres soculos de crime como peso para os seus actos.

O governo já não se julga obrigado a si quer a retratar-se. Apraz-lhe a nudez da saturnal. Põe cabeças a premio; aponta os réus que quer punir.

Não tem mais em attenção as simples formalidades da lei; suspende os direitos constitucionaes e veste a morte com a toga do magistrado.

Na embriaguez do crime, não repara que deixa pegadas indeleveis na historia, apesar da astucia que emprega para ocultar sua mão traçoiceira e ensanguentada.

A policia de Campos ainda não descobriu quaes os assassinos do dia 30, mas sabe quem foi que esfaqueou um dosampangas de Raymundo Moreira.

Não conste que nenhum desses assassinos seja filho de algum dos senhores da policia, ou do juiz de direito; mas estas autoridades já sabem, descobriam de prompto, que são as conferencias abolicionistas o facho incendiario que ateou fogo aos canaviaes.

Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

«Cada palavra do governo e dos seus agentes denuncia a premeditação de soffocar, seja como for, a propaganda que pretende lavar a deshonra da patria, seja com o proprio sangue dos propagandistas!»

Emquanto continuar com as suas rajadas dará somente testemunho de covardia e então lembramos-lhe, que tem na cabeça uma corça, que deve ser o centro da gravidade e respeito que tribute a si proprio, para que a sociedade o não olhe com indifferença, salvo a querer transformal-a em symbolo de uma sagração por suas proprias mãos jornalisticas já profanada.

No proximo numero demonstraremos que o Thabor renovou os desatós á authoridade religiosa, assumindo o caracter de denunciante clerical e vingativo ao poder civil, e accuzador de todas as irmandades, tornando-se em materia de odios e perseguições uma especie de petrus in cunctis, sem nenhum poder official, na diocese,

CORRESPONDENCIA

Campinas, 7 de Fevereiro de 1887.

Até que afinal, o sr. Campos Salles regenerou-se. E' certo o adagio popular que diz:—Mais vale tarde do que nunca. O republicano que postare escravos não pôde ser fiel ao seu estadarte. Isto é logico. O homem que forma-se em qualquer sciencia e depois enceta a sua vida na politica e declara-se soldado da republica, não pôde possuir escravos, porque é contra as suas idéas, contra o seu partido e contra a sua opinião.

Eu não applaudo o acto que acaba de praticar o sr. Campos Salles: quando pensou em ser republicano devia como o homem convicto em suas idéas, arredar de si essa mancha vergonhosa que se chama a escravidão. Applaudo sim, aos abolicionistas sinceros, aos abolicionistas, que não são assalariados pelos republicanos escravocratas. Applaudo, repito, aos abolicionistas que não se curvam ante mesquinhos interesses politicos.

Quem escreve estas linhas não é politico de nenhum dos partidos existentes, é do partido de todos sem paixão. Não me podem, por isso, chamar despeitado. Tambem nunca fiz uso da penna senão em fazer da raça opprimida, que foi roubada d'aquillo que nós todos tanto almejamos: a Liberdade. Ainda repito, não posso applaudir o acto do sr. Campos Salles, porque além de ter sido como se sabe, sempre escravocrata, não fez a obra completa.

Ainda libertou os escravos com condições, quando todos nós, os descontentes; queremos já e decidido, sem condição alguma. Eu disse ao comecar estas linhas que mais vale tarde do que nunca. E assim, foi mais empregada a phrase. O acto do sr. Campos Salles não é louvavel.

Em todo o caso, oxalá que todos que possuem escravos o imitem, que já é querer alguma coisa. Desculpe o distincto e intelligente advogado se estas linhas offenderem os seus interesses, porque se ha nisto offensa é ao homem publico e não ao homem particular. E' á vós oh! bons abolicionistas, que fazeis da imprensa a sua arma de combate; é á vós que eu digo com toda a força dos meus pulmões:—Viva! Vivamos!

Ante-hontem houve uma questão entre o celebre escravocrata Neger e o sr. Cruz.

Questão minto; não houve tal, o que houve é que o Neger quiz tirar uma desforra daquelle cidadão por causa da Chronica negra. Não vi o facto, mais sei que o tal Neger, avançou para o sr. Cruz de espanador em punho, no que teve de ser admoestado com a bengalla do sr. Cruz. Estes sujeitos não têm um pouco de vergonha no rosto, Santo Deus!

Consta que premedita-se assassinar o cidadão Antonio dos Santos Cruz. Este facto é grave e precisa serias providencias das autoridades mantenedoras da ordem. Santos Cruz é abolicionista, e diz seja o que for, as suas idéas é o que faz exaltar os animos dos escravocratas. Eu entendo que tanto direito tem o individuo de ser abolicionista, como de ser escravocrata, só com a differença de ter de se sujeitar ás censuras dos outros.

Ha direitos para todos na lei. Sejamos pela lei.

Não ha, porém, garantias para o sr. Cruz, nesta cidade.

Sabe-se quem são os autores deste vergonhoso facto.

Providencias senhores, tira a venda dos olhos de Theunis.

MARGAR.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica da Assembléa

Apezar da constancia dos nobres deputados supplementares das galerias, do paço da patria não querem fazer sessão e assim vejo-me eu na impossibilidade de descrever o que alli tem passado estes dias.

CHICO BARRIGA.

Chronica de annos

Faz annos em Santo Amaro o professor capitão do matto Philippe Aureas de la Borde, que com nome supposto, offercia-se a prender escravos, que acoutava em sua casa, para ganhar dinheiro.

E entre esses escravos uma preta do major Batata que fica esperada, por causa do S. José.

Tambem faz annos o republicano de nariz ou sem elle, dentro do Club Republicano, desta capital, porque não pôde libertar os seus escravos conditionalmente por não querer sacrificiar o futuro de seus filhos!

Duas horas mais tarde, dentro do mesmo Club o estudante, sobrinho do conego Siqueira, do Pará, com duas bombas ou tres.

Faz annos nos corredores da assembléa com todos os seus cabelos, ou carca, o Lobatinho das moças, na occasião em que estiver descobrindo novo systema de accusar o mano do Queiroz Telles.

Tambem fica esperada para fazer annos o visconde do projecto negro, de oculos sem um olho, ou com um olho e sem oculos.

Fazem annos uns allemães, chapelleiros, de Campinas, que venderam o Juca Brabo, que tambem faz annos com dentes grandes ou pequenos, e dous homens livres como escravos; fazendo annos tambem nesta capital o major Felismino, ou Felisbino, do Jornal do Commercio, de barbas inglesas.

Faz annos na Limeira o negreiro Antonio Cerino, que deu em uma negra que queria forrar-se: Pedro Bota, quebrado e sem quebra.

Em Jundiáhy, Francisco Damasio dos Santos, e o caboclo Chico Bueno, senhor da Thereza, e oito dias depois, a sua sogra; deixando de fazer annos o major Batata por causa do S. José.

Faz annos nesta capital o Felismino ou Felisbino, do Jornal do Commercio, de sobrecasaca ou paletot.

Faz annos em Taubaté o grandissimo bode João Leandro, negociante de seus parceiros.

Em S. José dos Campos, o Cayára.

Em Jacarehy, o celebre Ramos, Porto e outros.

Ficando esperada o major Batata, por causa do S. José, e fazendo annos o major Felismino ou Felisbino, do Jornal do Commercio, de barba inglesa, ou cavaignac.

Fazem annos em Campinas por atacado e á varejo todos os republicanos escravocratas, inclusive os capitães do matto, seus collegas.

Continuam a gozar de perfeita saúde em companhia de seus escravos, o revdmo. padre Broa, o revdmo. padre Oliveira, que é negro e tem negros, ficando esperados os negociantes João Murthé, e Souza pela certa.

Fazendo annos nesta capital, o Maneco Flautim, o Pernambuco desengonçado, o Pacáú, o Assumpção, administrador dos Doze Bilhares, o Chico Malachias, administrador do mercado, o Julio de Almeida, o negro Narciso, o negro Sebastião que foi escravo de Anna Ferraz de Sampaio, o preto Ludgero, do becco do Trem.

O Oliveira do Apito, que levou um negro á estação para ganhar, ficando esperado o major Batata, por causa do S. José, e o major Felismino ou Felisbino, do Jornal do Commercio.

Chronica negra

No numero passado omittimos a Chronica negra, não porque não tivéssemos materia, pois que todos os dias do interior recebemos materia para esse fim, mas, porque, tendo de responder ás insolencias que contra nós oserveu o revdmo. garanhão, esquecemo-nos de uma materia tão importante como esta.

Na fazenda de S. Bento, propriedade do coronel Joaquim Quirino, aliás um bom homem, precisa de que esse senhor tome contas ao seu administrador que é um barbaro.

Em Campinas, tambem existe uma fazenda denominada Gramminha, cujo administrador chama-se João de Souza, e a dita fazenda é propriedade do d. Maria de Paula Souza, onde as cousas não vão muito bem.

Faz-se serão até alta noite, e existem em ferros os seguintes escravizados:

João Pernambuco, gancho no pescoço.

Benedicto Bahiano, gancho no pescoço.

Americo, ferro de bico em um dos pés.

Para que os leitores fiquem conhecendo o que é ferro de bico, explicaremos que são duas barras de ferro, formando no centro um semi-circulo em cada uma dellas, e, collocadas a duas barras nas pernas de um infeliz; são remachadas por um ferreiro canalha, que se presta a isto, tendo o infeliz que soffre esse martyrio de carregar um peso muitas vezes de mais de arroba, que o impossibilita de trabalhar e andar.

Nesta fazenda, os escravos são alimentados a feijão e angú, e, ha muitissimos annos que não dormem.

SECÇÃO POPULAR

Sr. Redactor da «Redempção»

Como o sr. muito se interessa pela escravidão, vou contar-lhe o seguinte: Em Jundiáhy existem 2 libertos de 60 annos, em casa do chico Telles, que é irmão do Parnahyba que trabalham no eito e toman couro; a razão que o tal dá é que tem pena d'elles que pôdem morrer á fome que tal!

O Salvador Telles tambem irmão do Parnahyba, manda a Gordo que é republicano, comprar negros no Norte porque o mano Antonio e o tio affiançavam que a escravidão ainda vai até estes 12 annos—O mano Joaquim Queiroz tambem diz o mesmo e é deputado provincial. E' bom que o sr. ponha isto em pratos limpos. O tal Gordo é republicano daquella moda Enfim que agora aqui veio com elles e o Salvador Telles foi embarcar elles na Estação Inglesa—Levou praças dadas pelo mano Antonio.

O ABOLICIONISTA SINCERO.

Annuncios

HIGH-LIFE

Largo do Rosario n. 2

O novo proprietario deste estabelecimento convida o respeitavel publico da capital e do interior da provincia para visitarem o seu estabelecimento, onde encontrarão um novo e completo sortimento dos seguintes objectos: charutos de Havana, Bahia e Hamburgo, cigarretes, cigarros de todas as qualidades, rapé, fumo Goyano, Barbacena, Rio-Novo etc., etc.; piteiras, cigareiras, charuteiras, bolsas, albums para retratos de diversos tamanhos, perfumarias dos mais acreditados fabricantes, de Rimel, Piver, Pinaud, Logrand, Guimard, Cotany, Farinas, Colgate e Atkinson. Meias de lá, seda, fio de Escocia e de algodão de diversos tamanhos.

Ha um variado sortimento de gravatas de todos os modelos, uma infinidade de escovas para roupa, cabello, bigode-, unhas e dentes, pentes de marfim, buffalo e gutaperch para alisar e para caspa. Bengalas para homens e creanças, guarda-chuvas de seda para homens e senhoras, bonecas de bisquit e de cera, estojos para costura, garnições de madreperola, tartaruga, buffalo e plaquet, botões para punho, peito e collarinho, thesouras e canivetes Rodges, finalmente, um grande sortimento de objectos de phantasia que só o freguez vendo é que comprará e que tudo se vende por menos de 20 % que em qualquer outra parte.

M. Jordão de Azevedo

ANTIGA FABRICA DE BILHARES

DE

Domingos Bertullucci

Premiado na 1ª exposição provincial

Nesta casa encontra-se sempre um completo e variado sortimento de bilhares, e alugam-se para sociedades e casas particulares por preços razoáveis. Também tem sempre um completo sortimento dos seguintes acessórios: pannos, bolas, tabellas, tacos, sollas, giz etc., etc. Faz-se qualquer reforma em bilhares velhos com perfeição, assim como se encarrega de mandar para qualquer parte da provincia quaesquer encomendas

18-RUA DA ESPERANÇA-18
S. Paulo

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

Escolhido sortimento de roscaes, biscoitos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc. Grande sortimento de molhados como sejam: vinhos portugueses e francezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

PEDRO P. BITTENCOURT & COMP.

Importam directamente dos melhores e mais aperfeiçoados fabricantes os seguintes artigos, que constituem a especialidade de sua casa:

Vidros para vidraças, papéis pintados nacionaes e estrangeiros para forrar casas, vidros de côres e de espelhos: transparentes e cortinas para janellas, tapetes para forrar salas, tapetes em peças, tamanhos diversos, e capachos, espelhos ovaes e quadrilongos, com molduras douradas, escadas americanas, oleados para mesas e escadas, molduras de estylos modernos para quadros, papel e tinta de impressão etc., etc.

Preços modicos

Com maxima urgencia aprontam e despacham para o interior qualquer encomenda.

RUA DE S. BENTO, 36

(Caixa do correio n. 33, Telephone n. 33)

S. PAULO



Deposito de musicas e pianos

EDUARDO PONS & C.

S. PAULO

Rua de S. Bento, 27

Recebem encomendas para este ramo de negocio sendo promptamente executadas.

Tem sempre um lindo e moderno sortimento de musicas para piano, canto, banda, orchestra etc.

Chalet Felicidade

DE

Casimiro C. Pinto & Comp.

11 C-LARGO D SETEMBRO
(CASA COM BANDEIRA)

Bilhetes de todas as loterias

Pagam-se os bilhetes premiados

Satisfaz-se qualquer encomenda para o interior

À FIGURA RISONHA

Completo sortimento de armarinho, modas e perfumarias

VIEIRA DE CASTRO & SARAIVA

10-RUA DE S. BENTO-10

EM FRENTE AO PARAFUZO

Confeitaria Stadt Coblenz

DE

THEODORO CORDES & COMP.

41-RUA DIREITA-41

Doces de todas as qualidades, chocolate fino, amendoas, pastilhas e caixinhas para as mesmas, pastelaria, doces seccos e crystalizados.

As encomendas são feitas com o maior promptidão e asseio

S. PAULO

Fabrica de caixas de papelão

JÃO L 10
RUA JOSEL 3A

Aprontam-se com brevidade e preços commodos: caixas para chapéus, camisas, meias, flores artificiaes, grinaldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

TYPOGRAPHIA UNIÃO
MUDOU-SE PARA O
LARGO 7 DE SETEMBRO

GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS WELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

S. PAULO

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saldas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto aqui como para o interior.

Especialidade em cobertas de zinco, cobre e chumbo, para terraços e armazens, etc., etc.